



Iniciação científica:

Educação, inovação e desenvolvimento humano

**Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
Carla Linardi Mendes de Souza**
(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2021



Iniciação científica:

Educação, inovação e desenvolvimento humano

**Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
Carla Linardi Mendes de Souza**
(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Iniciação científica: educação, inovação e desenvolvimento humano

Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
Carla Linardi Mendes de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I56 Iniciação científica: educação, inovação e desenvolvimento humano / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, André Ricardo Lucas Vieira, Carla Linardi Mendes de Souza. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-441-9
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.419213008>

1. Iniciação científica. 2. Educação. 3. Inovação. 4. Desenvolvimento humano. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Vieira, André Ricardo Lucas (Organizador). III. Souza, Carla Linardi Mendes de (Organizadora). IV. Título. CDD 001.42

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A obra “Iniciação Científica: Educação, inovação e desenvolvimento humano”, reúne trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas temáticas, ligadas à Educação, que a compõe.

Ao refletirmos sobre a Iniciação Científica percebemos sua importância para a Educação, pois permite o desenvolvimento do potencial humano que os envolvidos mobilizam no processo de pesquisa; ou seja, é o espaço mais adequado para estimular a curiosidade epistemológica, conduzindo a aprendizagens que podem nascer de problemáticas postas pelas diversas questões cotidianas.

Depois da mobilização ocasionada pelas diversas inquietudes que nos movimentam na cotidianidade e ao aprendermos a fazer pesquisa, entendendo o rigor necessário, nos colocamos diante de objetos de conhecimentos que exigem pensar, refletir, explorar, testar questões, buscar formas de obter respostas, descobrir, inovar, inventar, imaginar e considerar os meios e recursos para atingir o objetivo desejado e ampliar o olhar acerca das questões de pesquisa.

Nesse sentido, os textos avaliados e aprovados para comporem este livro revelam a postura intelectual dos diversos autores, entendendo as suas interrogações de investigação, pois é na relação inevitável entre o sujeito epistemológico e o objeto intelectual que a mobilização do desconhecido decorre da superação do desconhecido. Esse movimento que caracteriza o sujeito enquanto pesquisador ilustra o processo de construção do conhecimento científico.

É esse movimento que nos oferece a oportunidade de avançar no conhecimento humano, nos possibilitando entender e descobrir o que em um primeiro momento parecia complicado. Isso faz do conhecimento uma rede de significados construída e compreendida a partir de dúvidas, incertezas, desafios, necessidades, desejos e interesses pelo conhecimento.

Assim, compreendendo todos esses elementos e considerando que a pesquisa não tem fim em si mesmo, percebe-se que ela é um meio para que o pesquisador cresça e possa contribuir socialmente na construção do conhecimento científico. Nessa teia reflexiva, o leitor conhecerá a importância desta obra, que aborda várias pesquisas do campo educacional, com especial foco nas evidências de temáticas insurgentes, reveladas pelo olhar de pesquisadores sobre os diversos objetos que os mobilizaram, evidenciando-se não apenas bases teóricas, mas a aplicação prática dessas pesquisas.

Boa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
Carla Linardi Mendes de Souza


SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

INICIAÇÃO CIENTÍFICA JÚNIOR: AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE FOMENTO À FORMAÇÃO DE PESQUISADORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA

Reginâmio Bonifácio de Lima

Maria Iracilda Gomes Cavalcante Bonifácio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4192130081>

CAPÍTULO 2..... 18

ESTRATEGIA METODOLOGICA DE INNOVACION EDUCATIVA PARA LA RESOLUCION DE PROBLEMAS EN MARKETING ESTRATEGICO MEDIANTE UN MODELO INTEGRADOR

Mario Aurelio Coyla Zela

Wendy Vidangos Delgado


José Antonio Rodríguez García

José Luis Morales Rocha

Jarol Teófilo Ramos Rojas

Teófilo Lauracio Ticona

Solime Olga Carrión Fredes


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4192130082>

CAPÍTULO 3..... 30

LICENCIATURAS EM MATEMÁTICA NA BAHIA E OS CONHECIMENTOS GEOMÉTRICOS: COMO ACONTECE ESSA ARTICULAÇÃO AO LONGO DA FORMAÇÃO?

Leonardo Araújo Suzart


Américo Junior Nunes da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4192130083>

CAPÍTULO 4..... 43

O NOVO PARADIGMA SISTÊMICO

Susana Iglesias Webering

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4192130084>

CAPÍTULO 5..... 60


COMPETÊNCIA DIGITAL AUTOPERCEBIDA DOS ALUNOS DA UNIVERSIDAD NACIONAL HERMILIO VALDIZÁN DE HUANUCO 2019








Nancy Guillermina Veramendi Villavicencios






Ewer Portocarrero Merino






Clorinda Natividad Barrionuevo Torres

Bethsy Diana Huapalla Céspedes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4192130085>

CAPÍTULO 6	73
UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DE ESTUDOS SOBRE FELICIDADE NO ÂMBITO ACADÊMICO	
Yasmin Martins Proença	
Priscilla Perla Tartarotti von Zuben Campos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4192130086	
CAPÍTULO 7	83
OCIAGOGIA COMO MODELO DE EDUCAÇÃO NA COLÔMBIA	
Diego Alejandro Palacios Amado	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4192130087	
CAPÍTULO 8	96
O LÚDICO COMO ESTÍMULO À LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO SOBRE O ENSINO DE CIÊNCIAS	
Noemi Garcia Baptista	
Marina Peixoto Vianna	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4192130088	
CAPÍTULO 9	109
A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NAS PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Jéssica Larissa Barbosa da Silva Valente	
Heldina Pereira Pinto Fagundes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4192130089	
CAPÍTULO 10	122
AFRICANIDADES: NOVOS CAMINHOS, PRIMEIROS PASSOS	
Izabel Espindola Barbosa	
Dariane Andrade Valle	
Charles Goiabeira de Amorim	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300810	
CAPÍTULO 11	130
AS INFLUÊNCIAS DA RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO INFORMAR EDUCAR E PROMOVER A SABEDORIA CIENTÍFICA	
Vanessa Pereira da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300811	
CAPÍTULO 12	141
EDUCAÇÃO DO CAMPO: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DOS ALUNOS CAMPONESES – 6º ao 9º ANO	
Iasmim Mesquita Paiva	
Elias Canuto Brandão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300812	

CAPÍTULO 13	156
CONTINUIDADE ENTRE ETAPAS EDUCATIVAS: ESTRATÉGIAS DE TRANSIÇÃO ENTRE O JARDIM DE INFÂNCIA E A ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA	
Luís Miguel Gonçalves de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300813	
CAPÍTULO 14	169
OFICINAS DE NIVELAMENTO, EXTENSIONISMO E PESQUISA DO PROJETO “APOIO À ANÁLISE DE ESTUDO DE IMPACTO DE VIZINHANÇA – EIV”	
Gilson Jacob Bergoc	
Thamine de Almeida A. Ayoub	
Miguel Etinger de Araújo Júnior	
Sandra M. Almeida Cordeiro	
Léia Aparecida Veiga	
Elisa Roberta Zanon	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300814	
CAPÍTULO 15	183
A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS NOS TRÊS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Maria do Socorro Ramos Sousa	
Edjôfre Coelho de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300815	
CAPÍTULO 16	197
O JOGO DIDÁTICO: CONCENTRAÇÃO PARA O APRENDIZADO DO ESPANHOL	
José Eliziário de Moura	
Ana Lúcia Vidal Barros	
Ana Meire Alves da Silva	
César Claudino Pereira	
Paulo Eduardo Ferlini Teixeira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300816	
CAPÍTULO 17	208
OS REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS NOS PROGRAMAS DE DOUTORADO BRASILEIROS NA ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Cidllan Silveira Gomes Faial	
Eliane Ramos Pereira	
Rose Mary Costa Rosa Andrade Silva	
Letycia Sardinha Peixoto Manhães	
Lígia Cordeiro Matos Faial	
Lívia Márcia Vidal Pires	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300817	

CAPÍTULO 18.....	223
A MATERIALIDADE DA ESCOLA PRIMÁRIA NO TERRITÓRIO DO ACRE NAS DÉCADAS DE 20 A 60	
Gerinalda de Souza Ferreira	
Elizabeth Miranda de Lima	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300818	
CAPÍTULO 19.....	237
O MÉTODO DA PESQUISA QUALITATIVA DO FENÔMENO SITUADO. UMA CRIAÇÃO DO EDUCADOR BRASILEIRO JOEL MARTINS, SEGUIDA PELA PROFESSORA MARIA APARECIDA VIGIANNI BICUDO. AS ANÁLISES: IDIOGRÁFICA E NOMOTÉTICA	
Luiz Augusto Normanha Lima	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300819	
CAPÍTULO 20.....	245
PRÁTICAS EDUCATIVAS E HABILIDADES SOCIAIS DE PAIS DE ADOLESCENTES COM TEA	
Lilian Ferreira do Nascimento	
Brunna Stella da Silva Carvalho Melo	
Ana Luiza Cavalcanti Bezerra	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300820	
CAPÍTULO 21.....	260
A ESSÊNCIA ONTOLÓGICA DO TRABALHO E SEU PROCESSO DE FINANCEIRIZAÇÃO	
Marcos Jeliel Souza Dacorso	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300821	
CAPÍTULO 22.....	265
SAN NICOLÁS DE ESQUIROS Y SANTA MARÍA DEL REFUGIO. EL MÉTODO DIALÉCTICO CRÍTICO PARA SU COMPRENSIÓN	
Alejandra Ojeda Sampson	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41921300822	
SOBRE OS ORGANIZADORES	279
ÍNDICE REMISSIVO.....	281

SAN NICOLÁS DE ESQUIROS Y SANTA MARÍA DEL REFUGIO. EL MÉTODO DIALÉCTICO CRÍTICO PARA SU COMPRENSIÓN

Data de aceite: 20/08/2021

Alejandra Ojeda Sampson

RESUME: Las comunidades de San Nicolás de Esquiros y Santa María del Refugio, proceden desde el tiempo de la Colonia. Si bien ambas surgieron de la constitución de la hacienda el desenvolvimiento que tuvieron las llevaron a resultados distintos y significativos. Para lograr una comprensión de esto y de lo que los habitantes viven y perciben de su espacio preexistencia -la hacienda- se realizó la investigación con el método de la dialéctica crítica, puesto que este método observa al objeto como un todo desarrollándose en su historicidad. Es así que se muestra tanto el proceso de investigación como los resultados de ella en este texto.

PALAVRAS CLAVE: Patrimonial; identity; space architecture; community; hacienda.

ABSTRACT: This work shows part of results of research on the construction of community and appropriation of the space of two communities rural in its spaces architectural. These are San Nicolas de Esquirós and Santa Maria del Refugio. The research is carried out with the method dialectico-critico. This took place both reading works and relevant documents on the topic, such as fieldwork with ethnographic techniques and readings of site. Is visualized the importance symbolic that has the helmet of the hacienda of San Nicolas de Esquiros for its residents and them springs for the community of Santa Maria

del Refugio. However, in both cases, the capitalist economic system being both communities to the loss of their patrimonial. Although already is made visible the patrimonial for them settlers, now is necessary that it return action daily for its conservation. In this is your identity

KEYWORDS: Patrimonial; identity; space architecture; community; hacienda.

1 | INTRODUCCIÓN

El presente trabajo muestra parte de resultados de la investigación doctoral en Arquitectura. La preocupación investigativa de ella giraba en torno a explicar cómo dos comunidades rurales se habían constituido a partir de una preexistencia arquitectónica; esto fue, la edificación del casco de la hacienda, en un origen propiedad del hacendado español. Ahora bien, ese espacio arquitectónico estaba siendo apropiado de manera distinta por las dos comunidades de estudio. En una conservando prácticamente todos los elementos arquitectónicos conformantes del casco de la hacienda y en la otra, casi con su desaparición. Ante esto, surgía también la inquietud investigativa por comprender las razones para tal diferencia, dado que ambas comunidades surgían en el mismo período histórico, en el centro de México y desde la lógica colonizadora.

Eso llevaba también a preguntarse sobre la influencia del sistema económico, social y político, actual y de entonces, sobre

las comunidades, para con ello, comprender las distintas formas de actuar de éstas en el espacio arquitectónico, ya que se entendía que la complejidad de estas inquietudes implicaba una visión totalizante de ellas. Fue así como se optó como método de investigación la dialéctica crítica dado su andamiaje onto-epistemológico totalizante. Como parte del proceso investigativo, se llevó una revisión documental y trabajo etnográfico. Lo primero para la apropiación de las categorías de análisis realizadas por los investigadores que abordaban temáticas similares y lo segundo, como parte de la comprensión hacia los pobladores desde su cotidianidad y percepción de la vida, por ende y entre otros aspectos, del espacio.

Es así como, en este trabajo se muestra para su comprensión, la contextualización del objeto de investigación, el principal entramado conceptual y el método utilizado, para dar paso a los principales resultados de la investigación y conclusiones.

2 | CONTEXTUALIZACIÓN

Con el objetivo de explicar el fenómeno de estudio y los hallazgos encontrados en la investigación de éste, es necesario realizar una breve contextualización histórico-social y tempo-espacial, para con ello, ubicar al lector en la concreción de la realidad mencionada.

Las ex haciendas de San Nicolás de Esquiros y Santa María del Refugio, como otras tantas, se construyen, aunque no como tales, en la época de la Colonia en el centro de México; ambas en el denominado Bajío guanajuatense, en el municipio de Celaya, Guanajuato. Es así como comienzan su vida económica y social subsumida a las decisiones y acciones del dominio español. Pronto, y ya como haciendas, éstas se convierten en el centro de la vida social, económica y política del país; en ese entonces aún bajo el dominio colonizador. Con la independencia del país, si bien hubo cambios políticos y sociales importantes para la sociedad, no se presentaron de igual manera en estos espacios, pues seguirán trabajando desde la misma lógica económica y espacial: un casco de hacienda donde se administra las grandes extensiones de tierra agrícola y ganadera, las tierras mismas y las casas de los campesinos en torno a ese casco; todo bajo ese dominio del hacendado como propietario, tanto de tierras, como de la propia vida de sus trabajadores. Con la revolución agraria, concluida para 1937, los campesinos se apropian de las tierras y en muchos casos también del casco de la hacienda. San Nicolás conservará el casco de la hacienda y Santa María lo destruirá paulatinamente. Ambas desarrollándose desde las nuevas formas de vida comunitaria. Es así como ahora se combinan bellos y monumentales elementos arquitectónicos con tabiques de concreto, placas de asbesto y lámina.

Actualmente, la ex hacienda de San Nicolás de Esquiros se encuentra catalogada como patrimonio arquitectónico por el Instituto Nacional de Antropología e Historia y la ex hacienda de Santa María del Refugio es apreciada por la cantidad de manantiales que posee. A pesar de ello, ninguna de ellas está percibiendo ayuda alguna de la institución mencionada,

ni de algún otro organismo institucional o social para su conservación o recuperación. Derivado de esto, y al estar ambas bajo la lógica del capitalismo y con la apertura de la Reforma Agraria, sucedida en el año de 1994, dando paso a la posibilidad de venta de los ejidos y de sus espacios arquitectónicos, las transformaciones vividas y observadas en las comunidades son significativas, ya que se abre la puerta a la pérdida paulatina del patrimonio comunitario, entre otros aspectos más. El ingreso del sistema neoliberal ha acelerado la descomposición en el campo mexicano, llevando a las comunidades a necesitar otras formas de subsistencia (Figueroa, 2005) mismas que han dañado tanto a la propia comunidad como a la estructura morfo-espacial de las ex haciendas. En este sentido, se observa un problema complejo de alcances tanto patrimoniales como sociales, puesto que el hecho arquitectónico no sólo es el lugar, sino las relaciones sociales que se construyen y constituyen en éste y en la relación con los demás.

Por lo anterior, fue importante plantearse que dependiendo cómo observe la comunidad su legado arquitectónico será clave para la protección de él o, por lo contrario, para su destrucción. La población viviendo en estos espacios de la ex hacienda, las edificaciones de ésta como patrimonio arquitectónico, se encuentran presentes en el imaginario social como un debe ser comunitario y de pertenencia, pero no en la cotidianidad que están siendo tratados como objetos práctico-utilitarios. Se debió recurrir entonces, a encontrar el valor identitario que, aunque se encuentre eclipsado en el imaginario social de las comunidades, cobre nuevamente presencia simbólica como motivo de pertenencia e identidad, tanto del grupo, como de éste con su espacio patrimonial (Sieglin, 2008).

3 | ENTRAMADO CONCEPTUAL

3.1 De hacienda a comunidad

Durante la época de la Colonia y hasta el Movimiento Agrario, los dueños de las haciendas residían principalmente en la Cd. de México en asuntos relativos a la comercialización del producto de ellas. Fue así como éstas eran una más entre las muchas que poseían y eran todo para los que las trabajaban, es decir, los campesinos. Derivado de ese movimiento, esas haciendas que se conformaron como instituciones económicas con un sistema social y político consolidado, ahora se constituyen en comunidades con particularidades derivadas de su original apropiación: San Nicolás de Esquiros con base en la hacienda y Santa María del Refugio con base en su alejamiento. En ambas, el grupo de los ejidatarios se constituye en un bloque de poder. Ahora ellos se asumen como autoridad sobre las decisiones y acciones del resto de la población y sobre la tierra.

Al tomar los campesinos las tierras y el casco de la hacienda aparece una nueva forma de asentamiento. Dice Norberg-Schulz (1975: 18): “La residencia es la ‘propiedad esencial’ de la existencia”, que debido a esa nueva residencia en el casco de la hacienda

es que ambas poblaciones de campesinos comienzan a tejer una nueva forma de pensar y existir en el espacio y con ello, una nueva forma de asumirse comunidad, participante esto del pasado vivido, el presente habitado y el futuro por construir. “Ser cuerpo, señala Merleau Ponty, es estar anudado a un cierto mundo, vivimos nosotros, y nuestro cuerpo no está, ante todo, en el espacio: es del espacio” (1985: 165). Esos grupos de campesinos que se habían instituido al amparo de la hacienda ahora comenzaban a construirse en comunidades participantes de todos esos eventos históricos, es decir, se historizaban. Su *cuerpo-espacio, era cuerpo-espacio por la hacienda*, independientemente del particular camino que habían vivido. Este espacio habitable, el de las ex haciendas; el lugar del hombre, se vuelven tan importante para el mismo, como él mismo. Ese *a priori* espacio-temporalidad se ha concretado en un ahora y aquí comunal.

Es por lo anterior que, “...al ser las condiciones sociales de transmisión y adquisición menos perceptibles que los otros tipos de capital, el capital cultural suele significarse como capital simbólico” (Díaz Herrera & López Espinoza, 2013: 2). En este sentido, la presencia de *la ex hacienda en San Nicolás de Esquiros*, más que una forma de reconocimiento social, *se ha convertido en un bien simbólico, como simbólicos se han convertidos los manantiales en Santa María del Refugio*. Las comunidades que han partido de un mismo pasado colonial y vivido similares eventos socio-económicos y políticos, la fuerza en la cotidianidad de ellos ha construido costumbres, algunas similares y otras totalmente distintas que las han conformado en entidades específicas y participantes a la vez de condiciones afines.

3.2 Las comunidades en la nueva ruralidad

Menciona Lefebvre (1978) que la comunidad rural campesina se forma como una agrupación social que se organiza, vive y determina en función de las condiciones históricas particulares, mostrando en todo esto y por esto mismo, un conjunto de familias fijadas al suelo. Estos grupos familiares, continúa el autor, poseen por una parte bienes colectivos o indivisos, como por otra parte bienes ‘privados’, según relaciones variables siempre históricamente determinadas. Ahora bien, la sola posesión de ese objeto o producto materializa la relación efectiva en su uso, sin embargo, *cambiando la forma de poseer cambiará la forma de uso y con ello la relación al interior de ese grupo familiar como en su relación como comunidad*. Señala Núñez (2002) que en el capitalismo aparece como nuevo principio de diferenciación la ‘propiedad’ de la tierra, construyendo con esto un nuevo espacio privado de dominación, es decir, que aparece en una misma clase social dominio en las relaciones de producción y distribución, por encontrarse en ésta un diferente volumen y estructura de capital que les permite ejercer un cierto poder simbólico en las relaciones de consumo. Esa relación del campesino con su suelo agrícola, ya fuera como parte de la hacienda o como ejidatario, se rompe con la introducción de esta nueva manera capitalista de poseer la tierra, pues ésta se desarrolla en cuanto bien de cambio, no de uso, ni mucho menos de identidad, llevando con ello la separación del individuo con el elemento

que precisamente le había constituido y conformado: *el campo* y con esto con aquellos espacios que le significan o lo hacían como comunidad, es decir, *su patrimonial*.

El capitalismo ingresa a todo espacio humano, conllevando para el campo un problema aún mayor: la impreparación psicológica, social y económica de los sujetos que lo trabajan para afrontar tal empresa. Esas enormes resistencias de la mayoría de los campesinos de San Nicolás de Esquiros y Santa María del Refugio, para alejarse del poder del hacendado y, finalmente superadas para lograr la apropiación de la hacienda y del casco, ahora se están viendo derrumbadas por un poder económico de grandes alcances, incluso mayor que del propio momento histórico del hacendado. Ahora bien, como parte de esa transformación se observa la monetarización de la cultura, es decir, la sustitución de un conjunto de prácticas sociales por dinero y, por tanto, el establecimiento de una equivalencia entre una práctica social y una cantidad monetaria, rompiendo con ello la forma comunitaria de vivir. El modelo de economía abierta en México ha producido un crecimiento pobre, concentrado y desarticulado de los sectores económicos, que, para el caso de las comunidades rurales, ha significado aún más pobreza, desequilibrio y por lo tanto indefensión, pues están siendo atacados sus principales soportes: *su persona y su tierra*. Todo este escenario capitalista ha contribuido significativamente a la construcción de una conciencia inmediatista, no teniendo tiempo, preparación física, ni recursos cognitivos, para pensarse como futuro y en el futuro, mucho menos como constructor de éste.

3.3 Lo patrimonial y la apropiación del espacio

Dice Zumthor (2006: 23) que “...la arquitectura y así intento pensar en ella; como masa corpórea, como membrana, como material, como recubrimiento, tela, terciopelo, seda..., todo lo que me rodea. ¡El cuerpo! No la idea del cuerpo, ¡sino el cuerpo! Un cuerpo que me puede tocar.” Lo patrimonial, así sea una edificación o una manifestación de ellas, en este sentido de concreción se volverá un ‘cuerpo’ para la comunidad. Es decir, *un ente significante tanto de la comunidad que lo materializó como de sí mismo que vuelve a ella con fuerza propia*. Que las comunidades consideren algo como patrimonio (aunque no expresado necesariamente de esa manera), rebasará las cuestiones práctico-utilitarias (que también las contiene), supondrá pensarlo parte de su *dasein*. Ese habitar en el mundo de las comunidades, comporta tiempo, espacio y cosas que manifiestan ese modo de ser en el mundo en mutua correspondencia. Es así como Pallasmaa (2010), construye el ser de la arquitectura como la articuladora de las experiencias del ser-en-el-mundo, fortaleciendo por ello, el sentido de la realidad y del ‘yo’ de cada sujeto como sujeto y del ‘yo’ como comunidad. La arquitectura y el espacio arquitectónico permiten dotar de sentido y congruencia al sujeto que habita ese sitio, en donde su realidad se concretiza como el espacio y sujeto mismo. Por esto, lo patrimonial como la comunidad que lo designa, *es tanto permanencia como proceso de un ser-ahí*.

Sánchez (1991: 16) por su parte dice que “...el espacio y el tiempo forman un conjunto

dialéctico, ya que, difícilmente, podremos entender uno sin tener en cuenta al otro. Se parte de la premisa de que no existe historia anespacial ni geografía atemporal.” Lo patrimonial comportará una dimensión temporal, tanto como una dimensión social. En este sentido, lo patrimonial es la expresión tangible de la individualidad en la comunidad de una historicidad emplazada en un sitio; lo que el lugar es. Es así como *hablar de patrimonial supone mencionar un continuum existencial construido de hechos, sujetos y grupo comunitario; de una comunidad que observa por que ha vivido, ese lugar como propio, o aún más, como sí mismo*. Entonces, encontrar lo que el grupo comunitario considera significativo para él es sumergirse en la cotidianidad de ésta. Para ello “...el deleite estético de un paisaje, como el de la arquitectura, consiste especialmente en recorrerlo sensorialmente, y para ello es necesaria su existencia” (Mandoki, 2006: 31). Existencia que muestra las permanencias de ese tiempo históricamente recorrido. En este sentido, la permanencia del casco y principales elementos de la ex hacienda de San Nicolás de Esquiros, así como los manantiales de Santa María del Refugio, muestran la fuerza que aún sostienen con su comunidad, por lo tanto, la relación de goce estético de ella. Luego entonces, *la conservación tanto de la ex hacienda como de los manantiales comportará la conservación de una comunidad en su espacio*.

Hablar de patrimonio desde lo institucional, será significativamente distinto que hablar de patrimonial. El primero aduce a un proceso de construcción social e ideológica del grupo hegemónico, institucional o no, que perpetúa un cierto orden social gestionado y administrado por el Estado; el segundo en cambio es una construcción social pero realizado por los diferentes grupos de la comunidad en cuestión que valoran por medio de significados, usos y prácticas colectivas los bienes tangibles e intangibles (González Hernández & González Hernández, 2013). Es decir, todo un proceso de apropiación del espacio existencialmente vivido y por ello, una construcción particular de comunidad.

4 | EL MÉTODO DIALÉCTICO-CRÍTICO

Esta investigación tiene un carácter teórico-propositivo que se ubica dentro de la concepción dialéctico-crítica de la realidad. De los componentes problemáticos constitutivos del eje de la investigación que fueron el deterioro físico del casco de la hacienda de San Nicolás de Esquiros, la pérdida de los ejidos, la construcción de los valores identitarios de las comunidades de estudio y el impacto de las decisiones económico-políticas del Estado en ellas, se derivaron varias preguntas de investigación. Éstas fueron: ¿De qué manera los acontecimientos históricos vividos por las ex haciendas han impactado en las comunidades y sus edificaciones? ¿Cómo ha impactado el capitalismo en ellas y sus espacios arquitectónicos? ¿Qué sentido social-simbólico posee el casco de la ex hacienda para su comunidad? ¿Qué espacios para la comunidad poseen la fuerza identitaria? ¿Cuál es la importancia del patrimonio arquitectónico y natural para la conformación de la

identidad comunitaria? ¿Cuál ha sido el proceso de apropiación del espacio arquitectónico? ¿Con base en esto, cómo se ha constituido la comunidad?

Para la selección de las ex haciendas de estudio, se procedió a realizar filtros conceptuales que permitieran encontrar las adecuadas y representativas del problema a analizar. Entonces, los criterios de selección fueron: 1) Que estuvieran bajo la posesión comunitaria; 2) Sus orígenes se remontaran a la época colonial y; 3) Que tuvieran un elemento distintivo de las demás. Para ello se recurre al registro municipal y el análisis de sus características particulares. El municipio de Celaya, Guanajuato (como parte del Bajío mencionado) posee registradas 17 ex haciendas. De éstas, algunas son propiedad privada y otras, propiedad comunitaria. De las segundas solamente una se encuentra catalogada por el INAH como patrimonio arquitectónico, siendo por ello un caso único en la región además de pertenecer a la comunidad de origen. Ésta es San Nicolás de Esquiros. Otra de las ex haciendas se caracteriza por la cantidad de manantiales de agua dulce y sus fiestas patronales; motivo de afluencia de muchas personas de la región. Ésta es Santa María del Refugio. Es así como se seleccionan a San Nicolás de Esquiros y Santa María del Refugio; la primera por ser patrimonio arquitectónico y la segunda por sus manantiales de agua dulce. Ambas edificadas a inicios de la época colonial y en posesión comunitaria.

Definido ya el objeto de investigación y percibida su articulación específica de ámbitos que la constituyen, se procedió a la estructuración lógica del esquema de investigación con base en el criterio de exclusión-inclusión, pertenencia directa y mediación. Los grandes ámbitos percibidos y sus componentes inmediatos fueron organizados lógicamente en una relación secuencial de momentos expresivos de contenidos específicos de exigencias cognitivas. De esta manera la columna vertebral del objeto de investigación estuvo integrada por cuatro ámbitos de indagación: 1. El espacio; 2. La comunidad humana; 3. Las ex haciendas de Celaya y; 4. La ruralidad. En el primero se recuperaron los supuestos onto-epistemológicos de las diversas obras que abordaron el concepto de espacio desde su concepción existencial, hasta su comprensión como construcción arquitectónica, que permitieron construir la explicación a las diversas maneras de apropiarse del lugar de existencia. En el segundo, referido a la comunidad humana, se trató de apropiarse del entramado categórico conceptual que subyace al discurso en torno a la constitución y construcción de las comunidades humanas, así como la construcción del concepto de imaginario social, para de esta manera percibir el carácter onto-gnoseológico y teleológico de las comunidades de estudio. Para el caso del ámbito 3: Las ex haciendas de Celaya, se pretendió recuperar el análisis histórico-político que se ha realizado en torno a ellas y el análisis teórico de la conformación social de las haciendas, que permitió apropiarse del bagaje teórico necesario para la realización de la lectura de sitio. Para el ámbito 4: La ruralidad, se recuperaron los supuestos onto-epistemológicos de las diversas obras que abordaron la problemática del campo actual, para de esta manera comprender el impacto del capitalismo en el sistema agrario. La triangulación de estos elementos dio paso a

la comprensión de la cotidianidad de las comunidades de estudio en su relación con el patrimonio construido.

Dado el carácter teórico que el objeto de investigación posee, el recorte temporal de los ámbitos uno, dos y cuatro, resultó innecesario, ya que las obras relevantes de cada corriente de pensamiento fueron recuperadas más allá de su ubicación historiográfico-temporal, no así al correspondiente ámbito tres en el que sí se analizó el discurso de acuerdo con ese contexto historiográfico-temporal.

Es importante señalar que, con la lógica seguida en este proceso de investigación, el esquema de investigación difiere sustancialmente del esquema de exposición, ya que el primero obedece a la lógica de la apropiación del objeto y de la transición del objeto formal al concreto real, mientras que la segunda, se ajusta a la lógica expositiva de los contenidos ónticos del objeto real expresados en su constructo categórico-conceptual. La fase propiamente investigativa se sometió a la lógica de la aprehensión del concreto real por medio del objeto de investigación recorriendo múltiples senderos y fases signados por la indagación y la apertura de pensamiento a posibilidades de contenidos del objeto. La lógica del proceso de apropiación es la lógica de descubrimiento; se trata de conocer qué, cómo, cuándo y por qué el objeto posee tales o cuales contenidos y formas. La fase expositiva, por el contrario, adquiere una rítmica del ir y venir sobre el conocimiento adquirido, conjugándolo y reconstruyéndolo en un entramado lógico-categorial con significación eminentemente teórica, pues se trata de exponer lo que se sabe del objeto, es decir, los contenidos y las formas percibidas en el objeto investigado explicando su lógica ontológica: el primero es un recurso de la razón para acercarse al entendimiento y el otro, es el entendimiento de un concreto hecho discurso.

El esquema de investigación aparte de ser el eje indagatorio permitió servir de base para la detección de posibles fuentes de información. De esta identificación y ordenadas por inciso, resultó el programa de análisis de fuentes de información, las cuales se detectaron y dividieron en: fuentes básicas, fuentes herramientas y fuentes secundarias. Conforme se analizaron las fuentes de información se fueron elaborando fichas de trabajo que incluían citas textuales y reflexiones del investigador sobre las mismas. Estas fichas se codificaron con base en el esquema de investigación en el sitio correspondiente de acuerdo con el código de éste.

Terminada la lectura, el análisis y la codificación de las fichas de trabajo, se procedió al diseño de los instrumentos de campo. Dado que muchas de las interrogantes investigativas se comprenderían con el apoyo de las técnicas e instrumentos etnográficos, se procedió a establecer los pasos para el trabajo de campo. Éste comprendió, observación participativa, entrevistas semiestructuradas y lecturas de sitio. Las observaciones participativas comprendieron todos los momentos cotidianos, así como los significativos vividos por las comunidades en donde se visualizaron los ritmos y cadencias de éstas con su espacio, así como entre ellos mismos. Para esto se realizaron observaciones en diferentes horas del

día, distintos días y fechas importantes. Se trató de sumergirse en el modo de vida de las comunidades de estudio. Para ello, se tomaron fotografías de los sitios y se llevó tanto una bitácora de investigación como un diario de campo escribiendo lo más fielmente posible lo observado y acontecido en el momento y lugar de análisis. Las videograbaciones no fue posible realizarlas, ya que las veces que se intentó hacerlo surgieron comentarios de las personas involucradas oponiéndose a ello. Es así como se decide sólo lo ya expresado por respeto a la comunidad y por razones de ética investigativa. Todos los comentarios escritos en la bitácora y diario de campo, así como el análisis de las fotografías tomadas, se llevaron a la misma base de datos que se utilizó para el fichado de las obras revisadas y analizadas. Terminada esta codificación se pudo obtener un escenario total de la vida de las comunidades con su ex hacienda y con los lugares de relación con otras poblaciones o ciudades.

Para las entrevistas semiestructuras, se consideró que éstas fueran solamente una guía para la plática con los sujetos. Considerando esto, se tomaron las categorías principales de los ámbitos de investigación: el espacio, la comunidad humana, las haciendas en Celaya, Guanajuato y la ruralidad, para construir las preguntas fundamentales que dieran respuesta a ellas.

De cada uno de los ámbitos y con estas categorías de guía, se plasmaron preguntas y observaciones, como ya se comentó, de tal manera que no quedara fuera ninguna posible pregunta. Realizado esto, se observó que algunas preguntas de un ámbito respondían también cuestionamientos de los otros, por lo que se procedió a depurar cada listado de preguntas para lograr una sola forma de entrevista. No obstante, se consideró de manera importante que las preguntas también tenían que estar personalizadas, es decir, existían preguntas que no procederían para un niño, joven o adulto. Entonces, si bien se tenía una guía de entrevista, ésta se debía contextualizar dada la persona, el caso e incluso el momento de la entrevista. Esto fue así, porque también y como parte del buen resultado de ésta, se debía establecer el *rapport*; así, si el entrevistado era un joven, se empezó la entrevista con tópicos relativos a sus intereses y momento, para después pasar a los intereses del investigador. Todas las entrevistas fueron grabadas a excepción de aquellas personas que no desearon que así fuera. Para ellas, se tomaron apuntes en el diario de campo que señalaran lo más fielmente posible lo expresado por el entrevistado.

Tanto las grabadas como las anotadas, se llevaron a un registro siguiendo el formato y análisis propuesto por Bertely Busquets (2000). En éste y en su primera lectura de análisis, se ubican las categorías y expresiones más significativas del discurso anotando en su parte correspondiente la primera interpretación del suceso observado. En una segunda lectura de análisis del mismo esquema de registro, se procede a establecer patrones teóricos entre las categorías ya revisadas por el investigador y las categorías teóricas de otros autores. Una vez realizada esta parte del análisis de las entrevistas, se procedió a construir un cuadro que diera cuenta de los hallazgos encontrados y las veces que estos

se sucedían, de tal manera que se podían construir patrones emergentes que triangulaban tres elementos: los fragmentos empíricos –categorías sociales-, organizados dentro de un cuerpo de categorías propio –las del intérprete-, y los hallazgos y conceptos –categorías teóricas-, de otros autores. Fue así como el trabajo etnográfico se sistematizó, llevando las construcciones logradas a la misma base de datos utilizada para las obras revisadas de los autores.

Para las lecturas de sitio, se procedió a tomar distintas fotografías de los sitios considerados importantes por la comunidad, como los cotidianamente vividos. Ya con el material en pantalla y las notas de campo realizadas, se procedió a señalar gráficamente todo aquello que resultara relevante, significativo o cotidiano del sitio en cuestión. Este material sirvió para fundamentar o reforzar el análisis de las observaciones realizadas y del material de las entrevistas. Asimismo, es el material que se utilizó para recrear el discurso de la tesis.

Una vez concluida la fase de análisis de las fuentes de información documentales y de campo, se procedió al diseño del esquema de exposición de resultados, que a la vez sirvió de base para el reordenamiento del material de trabajo acumulado. Para la elaboración de este esquema se procedió de la siguiente manera: como primer momento se contestó a la pregunta ¿qué sé del objeto?, y las respuestas se anotaron en una hoja constituyendo un listado. En un segundo momento, estas respuestas del listado se transformaron en enunciados sustantivos que a la vez se agruparon por su pertenencia inclusiva o exclusiva. Se ordenaron lógicamente los componentes de cada grupo, se observó si los grandes apartados del esquema, es decir, los enunciados de un solo dígito, en conjunto formaban el objeto conocido o no, pues se trataba de dimensionar los grandes apartados y observar si, en conjunto sumaban el contenido del objeto. Se procedió del mismo modo con los componentes de cada apartado y una vez realizados los ajustes pertinentes se dio por concluida esta etapa, iniciando la redacción del discurso sustantivo. Esto es, la tesis doctoral, cuya denominación fue: *Las ex haciendas de San Nicolás de Esquiros y Santa María del Refugio. De la solidez de la piedra a la fluidez del agua. De ella, surge el presente trabajo denominado: Las ex haciendas de San Nicolás de Esquiros y Santa María del Refugio. El método dialéctico-crítico para su comprensión.*

5 | PRINCIPALES CONSTRUCCIONES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

5.1 Construcciones teórico-conceptuales

En el nudo geo-histórico es donde se construyen e instituyen identidades, ocurriendo *esto en y por sus espacios arquitectónicos* que materializan esa interacción sujeto-mundo. Hablar de identidad, entonces, es necesariamente referirse a los lugares que hicieron posible esto. Se tendrá en este sentido, *la ecuación lugar-espacios arquitectónicos-*

identidad, como bucle recursivo, que en el día a día construirán el patrimonial para transitar al *dasein* de las comunidades instituidas, que por ese movimiento seguirán instituyéndose. Es así como las comunidades de estudio se instituyen por acciones 'intencionales' producto de particulares eventos geo-históricos. Todo esto materializado en su estésis y proxémica.

Es indisoluble, aunque dinámica, la relación comunidad-ex haciendas. *Las comunidades se han instituido en las ex haciendas a la vez que éstas se han patrimonializado debido a esa institución.* Desde ese sentido, y en el planteamiento de lugar desde el punto de vista aristotélico, es que se permitirá entender que las comunidades construyan una manera particular de observar la realidad, conformándose con esto un *lugar de aprendizaje social*. Es decir, el lugar de la comunidad será por ello, su primer y principal espacio de aprendizaje, tanto en el plano cognitivo, como en el afectivo y valorativo. Las ex haciendas y manantiales, entonces, son consustanciales al aprendizaje obtenido de las comunidades que los viven. Desde ese concepto del devenir-deviniente, el imaginario social se construye históricamente, conformándose en el encuentro de las propias valoraciones de los sujetos y *las luchas de poder* que surgen en la cotidianidad.

El impacto de la Reforma Agraria en las comunidades rurales es de inmensas proporciones, ya que no se trata de vender las parcelas o ejidos solamente, *supone vender el ser-campesino*. Esa figura construida e instituida en la hacienda primero y en las ex haciendas después, se diluye para transitar a personas insertas en procesos ajenos a su histórica institución. El sistema capitalista y el neoliberalismo (como la parte más intensa de éste), hoy día es un sistema tan cosificante, que transita de lo meramente económico a lo existencial. El neoliberalismo no trata sólo ni principalmente de lo económico, sino de todo aquello que le signifique al sujeto. *Para este sistema todo es mercantilizable incluyendo el individuo mismo.* En este sentido, si lo patrimonial es el ser-ahí (*dasein*) de las comunidades y el neoliberalismo lo cosifica todo, entonces al mercantilizar el patrimonial, mercantilizará a las comunidades, volviendo por ello más profunda y significativa esa cosificación.

Ahora bien, la interacción persona-espacio arquitectónico permite construir un lugar que al ser valorado se convierte en patrimonial, pero que inserto éste en el proceso del capitalismo se vuelve mercancía para intercambiar o vender, contribuyendo con esto a la construcción del *sufrimiento contemporáneo*, puesto que el patrimonial es el ser-ahí de las comunidades. Su patrimonial ahora vale en cuanto se pueda vender o rentar, no en cuanto a su significación. *Las poblaciones de estudio, en este sentido, se encuentran luchando entre la cosificación como constructo actual y su ser simbólico que los identifica.*

La apropiación de cualquier espacio y en este caso del espacio de las ex haciendas, es una *acción dinámica*; no es que se otorgue o se construya de una vez y para siempre, se recrea y se reinventa en la interacción de los sujetos con el espacio arquitectónico en el día a día de su existencialidad. La apropiación del espacio no necesariamente pasa por la ocupación física del mismo, puede construirse el mismo sentimiento de apropiación del elemento arquitectónico recurriendo poco o nada a esa ocupación física. *La fuerza óptico-*

háptica del elemento arquitectónico, en este caso de la ex hacienda de San Nicolás de Esquiros, *permite tal relación simbólico-valorativa con los distintos sujetos que viven en la comunidad*. Dicho de otra manera, un referente lo suficientemente potente puede construir identidades sin la necesidad de la relación física de contacto cuerpo-cuerpo.

La memoria para cualquier sujeto y de los individuos de las comunidades de estudio en particular, fue el recurso para volver presente lo que les significaba. Ésta representa la permanencia históricamente vivida y construida, pero *afectivamente tamizada*. Dicho de otra manera, la memoria volverá presente lo que haya permanecido en la conciencia del sujeto, pero subsumida a la propia lógica afectiva del sujeto, siendo además que no puede ser de otra manera. El individuo recordará lo significativamente vivido en el pasado construido con los valores del presente y con las expectativas que de futuro posea. Además de esto, la memoria también es un recurso para objetivar lo que se encuentra en el imaginario de la persona, siendo por ello posible cristalizar los elementos que le permiten sentirse perteneciente a un lugar y comunidad. Fue así como se volvió presente el patrimonial, tanto para el sujeto investigador, como para los propios individuos de las comunidades de estudio, en ese *diálogo recuerdo-presente-valoración*. Esto fue un paso importante, sin embargo, ahora se vuelve fundamental la necesidad de conciencia; conciencia de que pueden perderlo y con ello, su ser individuo-comunidad.

5.2 Construcciones metodológicas

Se realiza la primera ruptura etnográfica (etnografía crítica), al establecer el discurso de los actores inserto en una historicidad implicando, además en ello, entender las luchas de poder que se viven. El discurso no es ingenuo ni apolítico, éste se encuentra construido con referentes de los distintos modos de apropiación de la realidad, siendo estos los empíricos, los mágico-religiosos, los artísticos y los teóricos. Se realiza la segunda ruptura etnográfica al historizar la postura del investigador tanto para el análisis de los documentos y obras revisadas, como para las lecturas e interpretaciones del trabajo de campo efectuado. El investigador como cualquier sujeto, mirará, analizará e interpretará la realidad con base en las herramientas cognitivas que posee en su conciencia, conformada ésta con los distintos modos de apropiación ya mencionados, aunque para la investigación se encuentren subsumidos a la lógica de la racionalidad teórica.

Se logró construir una particular manera de sistematizar los datos de campo (captura, codificación, interpretación y categorización), que permitiera enriquecer el trabajo investigativo consistente en la lectura de obras documentales y éste. Así, las técnicas etnográficas de entrevistas semiestructuradas, observación participativa y lectura de sitios ofrecieron conocimiento que se trianguló con el obtenido en las obras mencionadas. De esta manera las técnicas etnográficas se lograron llevar a una investigación de corte arquitectónico-patrimonial.

Asimismo, no se puede comprender comunidad alguna si no se realiza trabajo

etnográfico y éste comprendiendo el tiempo y el espacio de la cotidianidad. Las luchas de poder, valorizaciones, pertenencias e identidades aparecen solamente después de inmiscuirse en ese tejido social, mismo que se visualiza en ese tiempo compartido como investigador-comunidad. En este sentido, todo trabajo etnográfico conlleva necesariamente a la construcción de identidad y pertenencia con la comunidad analizada. Es así como el investigador se vuelve parte de ella, es decir, a una especie de invisibilización social, marcando esto su inserción como comunidad.

Derivado de las condiciones socio-económicas de ambas comunidades, sobre todo de las de San Nicolás de Esquiros, se antoja complicada gestión alguna para la conservación de su patrimonio, puesto que se encuentran tratando de solucionar sus problemas cotidianos. Sin embargo, quizás por ello es más importante realizar un acompañamiento para el logro de ello. En las comunidades, su patrimonial está en peligro de perderse incluso, por acciones de ellos mismos. Entonces, el primer paso quizás será y después de que ya se hizo presente ese valor para los pobladores (éste fue logro de la investigación), hacer presente el peligro de perderlo y como tal su identidad y pertenencia como comunidad. Para ello es necesario regresar a ellas y comenzar otro tipo de prácticas aprovechando el acercamiento que se estableció en el proceso investigativo. La necesidad de conciencia, diría Zemelman, debe trabajarse con las comunidades.

REFERENCIAS

Bertely Busquets, M. (2000). Conociendo nuestras escuelas. Un acercamiento etnográfico a la cultura escolar, México.

Figueroa, V. M. (2005). América Latina: descomposición y persistencia de lo campesino. *Revista Problemas del desarrollo*, 36 (142), 27-50.

Díaz Herrera C. & M. Á. López Espinoza (2013). "Construcción y validación de escala de capital cultural interiorizado en estudiantes de educación superior", en XXIX Congreso Latinoamericano de Sociología ALAS, Chile.

González Hernández. G. & J. R. González Hernández (2013). "Imaginarios, patrimonio cultural y turismo: el fetichismo del Centro Histórico de Zacatecas", en Guadalupe González Hernández (ed.), *Discusiones sobre la ciudad. Temas de actualidad*. San Luis Potosí.

Lefebvre, H. (1978). De lo rural a lo urbano, Barcelona.

Núñez, A: (2002). "Apropiación y división social del espacio." *Revista Scripta Nova*, vol.VI, Barcelona.

Mandoki, K. (2006). Prosaica I: Estética cotidiana y juegos de la cultura. México.

Norberg-Schulz, Ch. (1975). Existencia, espacio y arquitectura. Barcelona.

Merleau-Ponty M. (1985). Fenomenología de la percepción. México.

Pallasmaa, J. (2010). *Los ojos de la piel*. Barcelona.

Sánchez, J. E. (1991). *Espacio, economía y sociedad*. Barcelona.

Sieglin, V. (2008). Migración, interculturalidad y poder, en Sieglin, V. (Coord.), *Migración, interculturalidad y poder*. México.

Zumthor, P. (2006). *Atmósferas*. Barcelona.

SOBRE OS ORGANIZADORES

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA - Professor do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (Uneb - Campus VII) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA (Uneb - Campus III). Atualmente coordena o Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPE) do Departamento de Educação da Uneb (DEDC7). Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB), Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias (IESCFAC), Especialista em Educação Matemática e Licenciado em Matemática pelo Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF). Foi professor e diretor escolar na Educação Básica. Coordenou o curso de Licenciatura em Matemática e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) no Campus IX da Uneb. Foi coordenador adjunto, no estado da Bahia, dos programas Pró-Letramento e PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa). Participou, como formador, do PNAIC/UFSCar, ocorrido no Estado de São Paulo. Pesquisa na área de formação de professores que ensinam Matemática, Ludicidade e Narrativas. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática (CNPq/UFSCar), na condição de pesquisador, o Grupo Educação, Desenvolvimento e Profissionalização do Educador (CNPq/PPGESA-Uneb), na condição de vice-líder e o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática (CNPq/LEPEM-Uneb) na condição de líder. É editor-chefe da Revista Baiana de Educação Matemática (RBEM) e da Revista Multidisciplinar do Núcleo de Pesquisa e Extensão; e coordenador do Encontro de Ludicidade e Educação Matemática (ELEM).

ANDRÉ RICARDO LUCAS VIEIRA - Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Sergipe - UFS/PPGED. Mestre em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB/MPEJA (2018), com Especialização em Tópicos Especiais de Matemática (2020), Ensino de Matemática (2018), Educação de Jovens e Adultos (2016), Matemática Financeira e Estatística (2015) e Gestão Escolar (2008). Licenciado em Matemática pela Universidade Nove de Julho (2000). Atualmente é professor efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano - IF Sertão/PE. Coordenou o Curso de Licenciatura em Matemática pelo Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica - PARFOR pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus XVI - Irecê-BA. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação de Professores e Tecnologias da Informação e Comunicação - FOPTIC (UFS/CNPq) e do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática - LEPEM (UNEB/CNPq). É editor assistente da Revista Baiana de Educação Matemática - RBEM, uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus III - Juazeiro/BA em parceria com o Campus VII - Senhor do Bonfim/BA da mesma instituição e com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano - IF Sertão-PE, Campus Santa Maria da Boa Vista/PE.

CARLA LINARDI MENDES DE SOUZA - Mestra em Agronomia na área de Meio Ambiente pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, com especializações em Gestão Ambiental e Recursos Hídricos; Educação Ambiental Interdisciplinar e Ensino de Ciências. É licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Atualmente é professora da rede municipal de ensino em Juazeiro/BA.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Andragogia 88

Antropogogia 88

Aprendizagem 60, 61, 62, 63, 70, 85, 86, 87, 96, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 124, 126, 128, 130, 131, 132, 134, 136, 154, 159, 160, 162, 164, 165, 170, 184, 185, 186, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 206, 242, 246, 250, 257, 258

Arquitetura 170, 182, 235

Autonomia 34, 43, 45, 50, 53, 54, 55, 57, 58, 74, 76, 78, 114, 190, 191, 192, 205, 258

C

Ciências 11, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 47, 50, 52, 57, 59, 96, 99, 100, 102, 104, 105, 107, 108, 129, 155, 156, 157, 160, 198, 208, 210, 211, 216, 221, 229, 231, 236, 238, 259, 279, 280

Competência digital 10, 60, 62, 63, 64, 68, 69, 70, 71, 72

complexidade 33, 43, 47, 49, 50, 51, 58, 77, 106, 177, 188

Complexidade 43

Conhecimento 9, 4, 10, 11, 12, 14, 42, 43, 45, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 61, 63, 74, 75, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 97, 99, 100, 104, 105, 106, 107, 112, 113, 118, 120, 121, 123, 125, 127, 130, 132, 134, 136, 139, 147, 154, 163, 164, 166, 169, 170, 171, 172, 173, 178, 181, 182, 187, 190, 194, 199, 201, 203, 205, 206, 209, 210, 211, 216, 218, 220, 221, 224, 231, 236, 239, 242, 249, 262

Conscientização 61

Cultura Material Escolar 223

Currículo 10, 11, 30, 110, 117, 119, 136, 157, 160, 166, 198, 244

D

Desenvolvimento 2, 9, 1, 2, 3, 5, 12, 13, 14, 16, 31, 42, 46, 47, 48, 54, 56, 57, 62, 70, 71, 77, 80, 82, 84, 98, 99, 104, 105, 113, 114, 116, 119, 120, 122, 123, 125, 126, 130, 132, 134, 143, 154, 160, 163, 165, 166, 167, 184, 185, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 206, 207, 210, 219, 221, 225, 238, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 255, 256, 257, 258, 259, 261, 262, 279

Desigualdades Regionais 1, 13

Didática 19, 25, 72, 91

E

Educação científica 17

Educação Física 12, 198, 208, 209, 210, 211, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221,

229, 230

Educação Matemática 30, 31, 32, 40, 41, 42, 279

Educación 16, 60, 70, 71, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 207, 277

Engenharia Civil 170, 182

Ensino Lúdico 96, 98, 100, 101, 104, 105

Equipe Multidisciplinar 169, 170

Escola Primária 13, 223, 224, 225, 226, 235, 236

Espaço Público 115

Espanhol 12, 67, 68, 69, 71, 197, 199, 200, 202, 203, 204, 206, 207, 211

Estímulo à leitura 11, 96, 105

Extensão Universitária 122, 169

F

Financeirização 13, 260

G

Geometria 30, 31, 32, 33, 34, 35, 40, 41, 42

Gerencia 18, 19, 22, 23, 24, 25, 27

Gestión 19, 25, 26, 277

H

História 1, 15, 17, 47, 52, 55, 56, 98, 106, 117, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 144, 145, 164, 188, 190, 198, 218, 219, 224, 230, 231, 235, 236, 245

I

Innovación 19, 21, 22, 26, 27, 92

J

Jogo 12, 144, 171, 172, 178, 179, 197, 202, 203, 204, 205

L

Licenciatura em matemática 37, 41

liderança 179

M

Marketing 10, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28

Metodologias Ativas 169, 173, 182, 202

Modelo 10, 11, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 28, 43, 45, 49, 51, 52, 57, 70, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 113, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 173, 190, 210, 213, 223, 238, 240, 245, 247, 257, 258, 259, 269

O

Ocio 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95

Oficinas de nivelamento e integração 169, 182

P

Paradigma Sistêmico 10, 43, 44, 45, 49, 53, 59

Pedagogía 88, 89, 92, 93, 94, 95

Pesquisa Qualitativa 13, 4, 30, 41, 43, 57, 81, 111, 121, 209, 221, 237, 238, 239, 240, 242, 244

Precarização 260, 262, 263

Projeto Pedagógico 197, 199, 200, 203

R

Recreación 88, 93, 94, 95

Referencial Teórico 170, 208, 209, 212, 214, 215, 217, 219

Reforma Trabalhista 260

Relação Professor-Aluno 130, 132, 140

S

Sistemas 25, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 56, 57, 58, 71

T



Território do Acre 13, 223

TIC 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70



Iniciação científica:

Educação, inovação e desenvolvimento humano

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021



Iniciação científica:

Educação, inovação e desenvolvimento humano

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021